

A EFICÁCIA DA ABORDAGEM INTERPRETATIVA NO ACONSELHAMENTO PASTORAL

Eurípedes Pereira de Brito¹

RESUMO

Este artigo é uma sequência do primeiro que foi escrito com o título, *As abordagens atuais no Aconselhamento Pastoral*. A reflexão que se desenvolve nos dois artigos tem sua relevância por compreender, que discutir sobre o método de aproximação e abordagem do aconselhamento interfere diretamente nos resultados do processo. No primeiro artigo verificou-se as abordagens mais conhecidas na atualidade, que são: a abordagem diretiva confrontativa, a abordagem não diretiva centrada no cliente, a abordagem participativa centrada nas necessidades psicológicas do aconselhado, a abordagem interpretativa centrada na psicanálise. Neste artigo apresenta-se a abordagem interpretativa bíblica que procura engajar o aconselhando no processo, como a melhor alternativa, com vista à eficácia nos resultados, na aproximação e acompanhamento dos aconselhados numa perspectiva bíblica e cristã. Uma abordagem firmada nas Escrituras, com ênfase relacional, dialógica e desafiadora, que visa contribuir de forma significativa e efetiva nas mudanças que encontram expectativas nas Escrituras Sagradas.

Palavras-chave: Aconselhamento. Abordagem metodológica. Abordagem Interpretativa. Diálogo.

ABSTRACT

This article is a sequel to the first one that was written with the title, *The current approaches in Pastoral Counseling*. The reflection that develops in the two articles has its relevance for understanding that discussing the approach method and approach of counseling directly interferes in the results of the process. In the first article, the most well-known approaches are verified today, which are: the confrontational directive approach, the client-centered non-directive approach, the participatory approach centered on the psychological needs of the counselee, the interpretative approach centered on psychoanalysis. This article presents the biblical interpretative approach that seeks to engage the counselor in the process, as the

¹ Eurípedes Pereira de Brito é doutor em Teologia Prática com ênfase em Aconselhamento Pastoral pela Escola Superior de Teologia da Igreja de Confissão Luterana no Brasil. É coordenador do Curso de Graduação em Teologia da Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB), e professor na área de Teologia Prática na FASSEB e no Seminário Presbiteriano do Brasil Central, ambos em Goiânia. Exerce o ministério pastoral na Igreja Presbiteriana Esperança em Goiânia. E-mail: euripedesbrito@hotmail.com.

best alternative, with a view to effectiveness in the results, in approaching and accompanying the counselors in a biblical and Christian perspective. An approach established in the Scriptures, with a relational, dialogical and challenging emphasis, which aims to contribute significantly and effectively to the changes that meet expectations in the Holy Scriptures.

Keywords: Counseling. Methodological Approach. Interpretive Approach. Dialogue.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é uma sequência do primeiro que foi escrito com o título *As abordagens atuais no Aconselhamento Pastoral*. A reflexão que se desenvolve nos dois artigos tem sua relevância por compreender, que discutir sobre o método de aproximação e abordagem do aconselhamento interfere diretamente nos resultados do processo, em outras palavras. No primeiro artigo foram verificadas as abordagens mais conhecidas na atualidade, que são: a abordagem diretiva confrontativa, a abordagem não diretiva centrada no cliente, a abordagem participativa centrada nas necessidades psicológicas do aconselhado, a abordagem interpretativa centrada na psicanálise.

Em relação à abordagem Diretiva Confrontativa, vimos que ser muito diretivo, pode levar o conselheiro a precipitações tanto no diagnóstico como nas intervenções, bem como, também, a ser autoritário. Nessa metodologia o conselheiro tende a agir como aquele que conhece toda verdade e todos os problemas, como também todas as soluções, dando a impressão que o aconselhado nada sabe e nada tem a contribuir com sua própria batalha.

Na Terapia centrada na pessoa de Carl Rogers (*apud* HURDING, 1995, p. 132), a partir de uma avaliação crítica, percebe-se que a sua metodologia é firmada naquilo que ele crê a respeito da natureza humana como tendo todos os recursos para solução de problemas (HURDING, 1995, p.132). Conselheiros cristãos bíblicos, portanto, devem ser críticos tanto com a teoria como com a prática não-diretiva centrada na pessoa de Carl Rogers, pois, segundo as Escrituras, o ser humano no mais profundo do seu ser está contaminado pelo pecado, sendo incapaz de compreender por si mesmo, o seu real estado, bem como a maravilhosa graça de Cristo que redime e capacita para a batalha.

No Aconselhamento Participativo Centrado nas Necessidades Psicológicas das Pessoas, vimos que há uma tendência de se definir a natureza humana com relação ao próprio homem e não a Deus, e de compreender o coração em si mesmo. Essa tendência faz com que o aconselhamento pretensamente bíblico seja um processo de apoio para suprimento de necessidades sociais do ser humano. Portanto, a abordagem participativa de Gary Collins (2011), fica limitada por seu pressuposto que reduz a compreensão do coração humano e suas motivações, ao negligenciar os aspectos relacionados diretamente com Deus, os quais, de fato, fazem a diferença no viver.

Por fim, na proposta do Aconselhamento de Apoio Centrado na Libertação e no Crescimento de Howard Clinebell (1987), verifica-se que os recursos da personalidade e as circunstâncias são importantes, mas, é preciso reconhecer que estes foram completamente afetados pela queda, esses recursos e as circunstâncias não podem servir de limites para a atuação do conselheiro bíblico. O que limita tudo no aconselhamento bíblico é a própria verdade de Deus revelada na Bíblia.

Dessa forma, exige-se um método para o Aconselhamento Bíblico, que seja coerente com os pressupostos bíblicos e teológicos, a fim de se experimentar eficácia no processo de libertação e transformação das questões mais profundas do coração. O objetivo dessa pesquisa, neste artigo, portanto, é apresentar a abordagem metodológica interpretativa bíblica, que engaja o aconselhando no processo, com vistas à eficácia. Como já afirmamos, no outro artigo, com o termo, abordagem metodológica no aconselhamento, neste trabalho estamos nos referindo ao método de aproximação que se opta para lidar com o processo de aconselhamento.

Temos afirmado que, além dos aspectos fundamentais e teóricos do aconselhamento, a definição de uma abordagem de aproximação é de suma importância para o processo do aconselhamento pastoral, visto que esta afetará positiva ou negativamente o processo de ajuda.

A metodologia do trabalho será a bibliográfica. Serão analisadas as obras de autores importantes de cunho bíblico-teológico, em busca de uma metodologia de aproximação do aconselhando que, tanto faça jus às questões teológicas, como procura por eficácia e competência no processo de ajuda. A principal obra que

serve como referencial teórico para essa pesquisa é o livro de David Powlison, *Uma nova visão* (2010).

2 A ABORDAGEM INTERPRETATIVA BÍBLICA

A principal motivação que parte do coração dos seres humanos são os seus desejos. A motivação por desejos, está por detrás de todo comportamento. Os desejos em si, podem ser lícitos ou ilícitos, o problema está na motivação que conduz o ser humano a satisfazer seus desejos, de uma forma incoerente o ser humano tem uma tendência a buscar satisfazer os desejos de forma idolatra. (POWLISON, 2010, p. 138-145). E assim, colocamos coisas, pessoas, projetos e sonhos no lugar de Deus e nos tornamos cheios de ídolos do coração (Ez 14:2,3).

As Escrituras afirmam: “Como águas profundas são os propósitos do coração, mas o homem de inteligência pode descobri-los” (Pv 20.5). O texto traz uma revelação extraordinária, homens e mulheres que servem a Deus, com a sua sabedoria, podem trazer à tona, quando aconselham na dependência do Espírito Santo, as questões mais profundas do coração. Nessa busca do coração os conselheiros procuram evitar o autoritarismo e as confrontações duras que colocam as pessoas em posição de auto defesa, prejudicando o acesso às questões profundas do coração.

O Conselheiro nunca faz ‘confrontações’; ele tem outras maneiras para tornar a confrontação perspicaz e eficiente. Os conselheiros não veem o coração, apenas as evidências, portanto, as indagações ajudam a conhecer os motivos. Talvez fosse melhor dizer que o aconselhamento vise iluminar o coração, ajudar a pessoa a ver a si mesma, como ela é aos olhos de Deus, e tornar em doce necessidade o amor de Deus. Como os conselheiros têm as suas cobiças, eles estão em chão comum, têm necessidade da graça, devido ao orgulho, temor de homens, descrença, e desejo por conforto e controle (POWLISON, 2010, p. 149).

2.1 INQUIRIÇÕES QUE TRAZEM À TONA AS QUESTÕES PROFUNDAS DO CORAÇÃO

Toda interpretação começa com inquirições, ou perguntas relevantes. Os conselheiros bíblicos precisam aprender a fazer indagações ou perguntas consistentes, com base nas Escrituras Sagradas, pois estas ajudam não somente ao conhecimento dos motivos que levam ao comportamento errado, mas, também, na

possibilidade de se compreender e confrontar os ídolos do coração, e a experimentar um processo de mudança bíblica consistente.

Na abordagem interpretativa, o aconselhamento visa iluminar o coração, com inquirições sábias, à luz das Escrituras, ajudando a pessoa a ver a si mesma como ela é aos olhos de Deus, e a partir daí perceber a necessidade da ajuda do Senhor. Powlison (2010, p. 124), levanta uma série de perguntas a partir das Escrituras Sagradas, que ele chamou de “perguntas tipo raios X”, que visam a interpretação com o aconselhando a fim de perceber os modelos de motivação das pessoas. E, assim, poderão compreender onde estão os reais problemas, suas causas e possibilidades da graça para se libertar.

Na abordagem interpretativa o que ocorre não é uma imposição de conceitos, mas um convite à reflexão sobre o conhecimento de si mesmo e ao auto confronto. Ajuda-se assim, às pessoas, a fazerem um autoexame e enxergarem a si mesmas diante de Deus e do próximo a partir da Bíblia como base e fundamento do processo. Ligando os pecados externos a desejos internos pela iluminação do Espírito que aplica a palavra aos corações. “Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça” (2 Tm 3.16).

O tempo e paciência amorosa do conselheiro se tornam fatores importantes. O conselheiro apressado não ouve tudo que a pessoa quer e precisa dizer e prejudica tanto o diagnóstico (interpretação dos fatos) como a mediação dos conflitos.

Vejam-se algumas perguntas que Powlison desenvolve de forma muito resumida: como o novo testamento fala sobre o que está errado com as pessoas? O que há de errado em querer coisas que parecem boas? Porque as pessoas fazem coisas impiedosas contra Deus? Porque as pessoas não enxergam que isso é problemático? A expressão “concupiscência da carne” é útil na vida prática e no aconselhamento? Como saber se um desejo é desordenado ou natural? Cada pessoa tem uma “raiz de pecado”? O que ou quem você ama? O que ou quem você teme? Em que ou em quem você sente prazer? Onde você encontra conforto? O que ou quem você deseja? Os desejos podem ser hábitos? Os temores são tão importantes na motivação humana, tanto quanto os desejos? Será que as pessoas

têm motivações conflitantes? Podemos mudar o que queremos? (POWLISON, 2010).

2.2 A BUSCA PELO ENGAJAMENTO DO ACONSELHANDO

Nesta abordagem metodológica, portanto, o conselheiro trabalha de maneira diferente, ele procura ouvir profunda e atentamente as pessoas, desenvolve um processo de engajamento do aconselhado e analisa o problema com o aconselhado na busca pela vontade de Deus revelada nas Escrituras. Isso não significa uma dependência do aconselhado, pois seus recursos podem ser limitados. O conselheiro está conduzindo o processo, mas conta com o aconselhado na interpretação conjunta das Escrituras e na interpretação do coração e da situação. Portanto, o engajamento do aconselhado é uma exigência.

Os aconselhados precisam saber que você está falando a verdade de Deus. Eles precisam saber que podem confiar em você, pois você está a favor deles. Se você quer que os aconselhados comecem a colocar em suas mãos aquilo que lhes é precioso, você precisa demonstrar compaixão, entendimento e humildade à semelhança de Cristo. Será que os aconselhados sabem que o conselho que recebem vem de alguém que entende seu mundo e se compadece de sua fraqueza? Isso atrai os aconselhados a uma participação confiante no processo do aconselhamento (TRIPP, 2019, p. 71).

O conselheiro bíblico, nessa perspectiva, busca impor segurança e tranquilidade, dar liberdade para a pessoa falar o que pensa e a contribuir no processo. O conselheiro procura, então, ajudar a analisar, problemas e possibilidade de se lidar com eles, à luz das Escrituras Sagradas. Com isso o aconselhado poderá encarar o problema de frente e a tomar decisões, com apoio, que contribuem para a mudança bíblica. Nesse caso, o conselheiro trabalha de forma a contribuir com o aconselhado nas suas decisões, de tal forma que o próprio aconselhado assume a responsabilidade por suas escolhas. A decisão é toda do aconselhado, ele escolhe o que fazer e assume as consequências. O orientador, entretanto, desempenha o papel de alguém que contribuí para a prudência em relação ao viver para Deus e sua vontade.

Este é o aconselhamento que se firma nas Escrituras e busca por uma abordagem metodológica correta pode contribuir na busca dessas decisões sábias que conduzem a um viver maduro debaixo da graça de Deus.

Wayne Mack (2008), com humildade, assume que conselheiros bíblicos, mesmo com oração e dedicação podem falhar em suas interpretações, por isso devem apresentar suas análises ao aconselhado com o coração aberto para ouvir a perspectiva dele, que, inclusive pode contribuir com o processo, trazendo aprofundamento para a interpretação. “Com amor, de forma gentil e prudente, explique suas interpretações ao aconselhado e peça o retorno dele, se confirma, invalida, ou fornece outra alternativa para a sua interpretação” (MACK, 2008, p. 281). Isso é uma profunda e clara mudança no processo de aconselhamento bíblico. Os conselheiros bíblicos da primeira geração eram bem mais diretivos e autoritários. O processo de envolver o aconselhado na interpretação dos fatos à luz das Escrituras, retira toda roupagem de autoritarismo, e mesmo aquela roupagem que dava a impressão de que o conselheiro sabe tudo, ele seria o único expert no processo, sendo que o aconselhado nada saberia.

Nesse processo, é possível, ao aconselhado não concordar com a interpretação do conselheiro. Mack reconhece, inclusive que o aconselhado pode contribuir com o processo ajudando com outros aspectos que podem cooperar para uma compreensão real dos fatos. Contudo, se o aconselhado rejeitar a interpretação apenas por rebeldia e dureza de coração, ficando claro que há uma rejeição das Escrituras, o conselheiro deve estar firme para permanecer na interpretação correta. (MACK, 2008).

3 FRUTOS QUE SÃO COLHIDOS A PARTIR DA EFICÁCIA DO MÉTODO INTERPRETATIVO

3.1 AJUDA NO PROCESSO DE MATURIDADE

Uma das formas de alcançar o caráter de Cristo é conhecê-lo, Paulo afirma: Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo” (Ef. 4.13). Para ser uma pessoa “perfeita” com maturidade espiritual, é preciso conhecer a Deus e continuar

crescendo nesse conhecimento. Somente através do testemunho conjunto da Palavra e do Espírito é que se alcança a maturidade e estatura espiritual de Cristo, obtendo o seu caráter no viver cristão.

A busca pelo crescimento no caráter de Cristo envolve a ideia de se fazer perguntas com o aconselhado, perguntas que ajudam tanto no processo de interpretação (diagnose) dos problemas, como nas melhores atitudes e escolhas possíveis que estejam de acordo com a vontade de Deus, revelada na sua palavra, e que nos conduzem ao verdadeiro crescimento humano espiritual.

Verifica-se vários aspectos positivos no método interpretativo que ajudam no processo de crescimento e maturidade na vida cristã, possibilitando que a pessoa se torna cada vez mais capaz de assumir responsabilidade por sua vida e suas decisões. Fazer perguntas, dando aos aconselhados a oportunidade de refletir e interpretar a si mesmo à luz das Escrituras, promove o crescimento em maturidade, tendo em vista o ser humano como responsável por sua vida. Ao contrário de trazer respostas prontas que tendem a fazer do aconselhando sempre dependente do conselheiro, e imaturo, o método interpretativo, com as inquirições poderosas, engaja o aconselhando no processo como pessoa que está sendo capacitada pelo próprio Espírito Santo que está operando no processo da interpretação e aplicação das Escrituras.

3.2 ABANDONO DO AUTORITARISMO

Nessa abordagem metodológica é possível ao conselheiro evitar o confronto duro e punitivo, como também o controle das pessoas em relação às possibilidades do modelo diretivo e autoritário. Powlison (2010), coloca um cenário completamente novo no processo de confrontação bíblica. Para ele o conselheiro não pode sondar os corações das pessoas, somente Deus pode. Mas, o conselheiro cristão, firmado nas Escrituras faz perguntas poderosas que, por si mesmas, confrontam os ídolos do coração. Assim, a possibilidade de se fazer perguntas teológicas que ajudam numa melhor verificação e interpretação dos problemas, promove a confrontação dos ídolos do coração, de forma indireta e positiva. Em muitos momentos, portanto, o aconselhado é confrontado por si mesmo diante da interpretação conjunta das Escrituras em relação à sua situação.

Verifica-se que o próprio Senhor Jesus, fez muitas perguntas que provocavam reflexão profunda nos seus ouvintes durante todo o seu ministério. O conselheiro que faz perguntas, neste sentido deixa de ser visto como o detentor da verdade e passa ser aquele com qual o aconselhado dialoga com vistas ao entendimento de seus problemas para fazer escolhas com maturidade e responsabilidade firmado nas Escrituras Sagradas.

3.3 ABANDONO DA DEPENDÊNCIA DOENTIA NO ACONSELHAMENTO

Aconselhamento diretivo confrontativo pode fazer com que as pessoas se vejam incapazes de cuidar de suas próprias vidas, crescendo para a glória de Deus. Esse tipo de relacionamento no aconselhamento pode fazer com que o aconselhado se torne dependente de alguém que indique sempre, qual o caminho a seguir.

Aquele que busca conselhos de outrem já denuncia em sua própria atitude que possui uma relação de confiança e dependência. Que o outro é parte significativa na busca por soluções. Na abordagem metodológica interpretativa evita-se a perspectiva por parte do aconselhando de alimentar uma relação de dependência absoluta, na qual o aconselhando tende, em tudo, buscar soluções na palavra do conselheiro e não em sua maturidade pessoal. Ao se fazer perguntas teológicas e ajudar na interpretação, o aconselhado é levado a um processo de grande compreensão de sua responsabilidade no processo de mudança e crescimento. O ponto máximo da seção consiste naquele momento no qual o aconselhado percebe-se como um ser que está amadurecendo e que tem que decidir por si mesmo, tendo em sua mente todas as variáveis de reflexão propostas pelo conselheiro e ajuda na interpretação dos problemas e das opções de atitudes e escolhas com base nas Escrituras Sagradas.

3.4 ENFRENTAMENTO DAS ARMADILHAS DO CORAÇÃO ENGANOSO

A abordagem interpretativa bíblica, por estar centrada nas Escrituras, liberta a pessoa das tendências do coração enganoso. O Senhor nos alerta para essa fato concreto em relação ao ser interior, pois, na essência mais profunda o ser humano deixado por si mesmo como propõe Carl Rogers, caminharia para o completo

engano e a para a corrupção completa, ainda que com roupagem de “liberdade”, “maturidade”, “auto-congruência”, “emancipação”. “Enganoso é o coração e desesperadamente corruptível, quem o conhecerá?” (Jr 17.11). Nada é mais terrível do que a própria ideia de emancipação como capacidade madura de viver por si mesmo, suas próprias ideias, decisões, opções e poder. A abordagem interpretativa bíblica contribui com perguntas consistentes em relação aos propósitos e intenções do coração (Hb. 4.12). E nos convida a orar como o fez o salmista. “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno” (Sl 139. 23,24).

3.5 ENFRENTAMENTO CORRETO DOS TRAUMAS DO PASSADO

Experiências desagradáveis do passado podem gerar anos de insônia, colocar obstáculos nos relacionamentos presentes, intimidar as pessoas em suas decisões e outras questões.

Uma vez que o ser humano pode interpretar o tempo de forma tão diversa, o conselheiro deve mediar uma relação sadia com o tempo, ajudando o aconselhado a perceber que o passado deve ser traduzido como experiência para o amadurecimento no presente com a perspectiva da construção de um futuro promissor. A abordagem interpretativa bíblica, ao fazer perguntas e buscar interpretar os propósitos e intensões do coração biblicamente, assume o ser humano como responsável. Por isso, ainda que tenha sofrimentos por causa do passado, deve assumir atitude interpretativa da situação à luz das Escrituras. E assim, firmado não no seu passado, mas no Deus do passado, do presente e do futuro, aquele que concede graça para perdoar e superar o passado, viver o presente e enfrentar o futuro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser um conselheiro eficaz continua sendo um dos grandes desafios da atualidade. Para isso acontecer é necessário certos conhecimentos e atitudes adequados para a tarefa de aconselhar. Os principais conhecimentos estão

relacionados à Bíblia, como palavra de Deus, que apresenta o conselho do Senhor como fundamento para a prática do aconselhamento pastoral.

Outros aspectos importantes estão relacionados à abordagem metodológica utilizada no aconselhamento, neste sentido, verificou-se que a abordagem interpretativa bíblica é de suma importância para o aconselhamento cristão. O conselheiro não pode simplesmente se colocar como um ouvinte facilitador como na abordagem não diretiva centrada no cliente, ou como alguém que faz um processo de apoio ao aconselhado no manejo de seu potencial próprio para a libertação e crescimento. Sabe-se pelas Escrituras que o ser humano não pode ser visto como tendo toda capacidade própria para resolver seus problemas. Ele precisa de uma direção centrada nas escrituras não em si mesmo.

No entanto, o modelo de Adams tem a desvantagem de ver o conselheiro dirigindo o processo como um disciplinador autoritário, com possíveis tendências julgadoras e punitivas. Ainda que não se possa acusar Adams disso, conselheiros noutéticos, muitas vezes inclinaram-se a ouvir muito pouco os aconselhados com tendências impacientes e julgadoras. Tudo isso, com possíveis tendências de se induzir os aconselhados ao desânimo, visto que não são pouco ouvidos, e não envolvidos na interpretação da sua própria vida.

De fato, é preciso ter cuidado com a rebeldia humana e não a alimentar. No entanto, é preciso reconhecer que os aconselhados certamente terão recaídas no processo de mudança e crescimento. Essas recaídas não podem ser compreendidas como rejeição da vontade de Deus, levando o conselheiro a rejeitar o aconselhado, dispensando-o.

No aconselhamento participativo, não ficou claro qual o centro do aconselhamento, Deus ou o ser humano. Se isso não fica claro, a tendência é de ser um modelo, ou abordagem metodológica também humanista, visto que, pelo menos, em parte, está centrado nas necessidades psicológicas humanas. Nesse tipo de participação, portanto, parece que se acredita na importância de se buscar os recursos humanos do aconselhado firmados em si mesmo. Nesse processo de ajuda, pode-se facilmente deixar de se ter como centro as Escrituras Sagradas. O aspecto relacional é importante, mas o relacionamento conselheiro e aconselhado deve ser movido pela centralidade de Deus e sua palavra que apontam para as

necessidades espirituais do ser humano carente da graça de Deus, e não apenas para as necessidades psicológicas.

Dessa forma, observa-se que o aconselhamento de Jay Adams favorece o estilo mais diretivo e admoestador diferente daqueles modelos mais reanimadores e consoladores. Adams (2003), fez uso das palavras gregas *noutheteo* e *nouthesia*, a fim de propor um método de aconselhamento, que tem seus méritos. Contudo, a tendência de Adams de apresentar um estilo confrontador de aconselhamento como o método bíblico por excelência deveria ser questionado, visto que a Bíblia fala, também, de *parakaleo*, confortar, apoiar, consolar e encorajar dentre outros aspectos que vão além de confrontação diretiva.

A pesquisa assume como de grande relevância para os tempos atuais, a perspectiva da interpretação bíblica de David Powlison. Ele caminha na linha do aconselhamento bíblico proposta por Jay Adams, no entanto, sua perspectiva é um pouco diferente. Para ele os conselheiros têm consciência do seu papel no processo como servo de Deus firmados nas Escrituras Sagradas, contudo, eles procuram fazer perguntas firmadas na verdade revelada do Senhor e procuram ser mais ativos no processo de ouvir do que de confrontar. Por um lado, eles envolvem os aconselhados no processo de forma bem mais presente e participativa, mas, por outro lado, visto que as pessoas têm desejos ou motivos equivocados, ou idolatras, que estão por detrás do seu comportamento, os conselheiros interpretativos fazem perguntas firmadas na Bíblia e interpretam as Escrituras com os aconselhados em relação aos seus conflitos e desafios.

O aspecto que exige direcionamento por parte do conselheiro, não tem qualquer tendência ao autoritarismo, o conselheiro, nesse caso, funciona, também, como um facilitador, pois ao envolver o aconselhado no processo de interpretação, o conselheiro busca facilitar a compreensão da real situação da pessoa segundo as Escrituras, bem como busca facilitar o encontro com a orientação correta das Escrituras para o enfrentamento da situação. Os conselheiros não veem o coração, apenas as evidências externas, dessa forma, os conselheiros precisam aprender a fazer indagações, ou perguntas consistentes, juntamente com o aconselhado, com base nas Escrituras Sagradas, pois estas ajudam não somente a conhecer os motivos que levam ao comportamento errado, mas, também, na possibilidade de se confrontar os ídolos do coração, e a experimentar um processo de mudança bíblica.

O aconselhamento é uma tarefa de relevante importância, por isso, requer cuidado especial na escolha da abordagem escolhida para a aproximação do aconselhado e para as intervenções bíblicas no processo. Para a eficácia do método interpretativo, com base nas Escrituras, é necessário aprender a fazer as perguntas corretas, de acordo com a própria Bíblia, afim de se alcançar os desejos mais profundos do coração, e interpretá-los à luz da revelação de Deus. Fazendo-se perguntas teológicas consistentes é possível contribuir com o processo de crescimento em maturidade à semelhança de Cristo, e ajudar no processo de se assumir responsabilidade. Isso faz com que o conselheiro fuja da imagem e do papel do conselheiro como controlador, bem como das tendências de dependência doentia de alguns modelos diretivos de aconselhamento.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Jay E. **Conselheiro capaz**. São Paulo: Fiel, 2003.

BÍBLIA. Bíblia Almeida Revista e Atualizada. Ed. Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CLINIBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral**: modelo centrado em libertação e crescimento. 5ª ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2011.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

MACK, Wayne. Desenvolvendo um relacionamento de cuidado com os aconselhados. *In*. MACARTHUR, John Jr.; MACK, Wayne. **Introdução ao aconselhamento bíblico**. Niterói: Editora Hagnos, 2008.

POWLISON, David. **Uma nova visão**: o aconselhamento e a condição humana através das lentes da escritura. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

TRIPP, Paul. **Tarefas práticas no aconselhamento bíblico**: exemplos de tarefas práticas para diferentes fases do aconselhamento. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/518n8x>>. Acesso em: 29 maio 2020.